

Cientificidade na formação de revisores de textos através da mediação de um laboratório editorial¹

Scientificity in the training of text reviewers through the mediation of an editorial laboratory

MARIA ALICE MOTA

Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
Professora efetiva no Departamento de Comunicação e Letras da
Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).
E-mail: alicemta@yahoo.com.br

LILIANE PEREIRA BARBOSA

Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
Professora efetiva no Departamento de Comunicação e Letras da
Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).
E-mail: lilianepeb@hotmail.com

Resumo: O principal objetivo deste artigo, de natureza crítico-teórica, é discutir acerca da cientificidade que envolve a formação do revisor e editor de textos, tendo-se em vista a relevância desse aspecto para o desenvolvimento das competências/habilidades de caráter linguístico e editorial imprescindíveis ao exercício dessa função profissional. Em face a tal objetivo, refletimos sobre a importância das teorias linguísticas, textuais e discursivas para a formação do revisor de textos, ratificando o caráter sistemático e científico inerentes a esse perfil de trabalho. Considera-se neste estudo as contribuições de autores como Koch (1992; 2014), Barros (1994), Sousa (2010), Costa Val (2004), Coelho Neto (2008), Coelho e Antunes (2010) e Cavalcante (2011), por meio das quais conclui-se que, para que o revisor de textos possa cumprir a sua função de modo eficiente, é necessário estar munido de conhecimentos científicos, e não somente dominar as regras da gramática normativa, uma vez que o texto constitui-se numa unidade de sentido que engloba um plano de expressão e um plano de conteúdo.

Palavras-chave: Cientificidade. Revisão textual. Editoração.

Abstract: The main objective of this article, of a critical-theoretical nature, is to discuss the scientificity that involves the formation of the proofreader and editor of texts, considering the relevance of this aspect for the development of essential linguistic and editorial competences/skills. In view of this objective, we reflect on the importance of linguistic, textual and discursive theories for the formation of proofreaders, confirming the systematic and scientific

¹ Este artigo é resultante do projeto de pesquisa intitulado *Cientificidade na formação de revisores de textos através da mediação de um laboratório editorial*, aprovado pela Resolução do Cepex n. 129/2018 e desenvolvido no âmbito da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) – Departamento de Comunicação e Letras, entre os anos de 2018 e 2021. Também vale ressaltar que este artigo está organizado a partir da estrutura de um relatório de pesquisa, tendo em vista tal especificidade.

nature inherent to this work profile. This study considers the contributions of authors such as Koch (1992; 2014), Barros (1994), Sousa (2010), Costa Val (2004), Coelho Neto (2008), Coelho and Antunes (2010) and Cavalcante (2011), through which it is concluded that, in order for the proofreaders to fulfill their function efficiently, it is necessary to be armed with scientific knowledge, and not only master the rules of normative grammar, since the text constitutes it becomes a unity of meaning that encompasses a plane of expression and a plane of content.

Keywords: Scientificity. Textual revision. Publishing.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A sociedade em geral, baseando-se no senso comum, pressupõe que todo aquele que fez o curso de Letras Português está apto a ser um revisor/editor de texto, o qual é visto como mero corretor de ortografia e sintaxe, visão bastante reducionista, uma vez que exclui a necessidade de uma gama de teorias e, portanto, o nível de cientificidade que a função requer.

Dessa forma, ao contrário do que muitos pensam, não basta ter cursado Letras ou gostar de Português para ser capaz de revisar e editar um texto com a qualidade que se espera, sendo que essa atividade exige muitas habilidades que talvez passem despercebidas exatamente por não ser atribuído a ela o nível de cientificidade que essa função requer. Diante desse pressuposto, a gramática, no presente estudo, não é considerada mero conjunto de normas a serem seguidas (CUNHA; CINTRA, 1985), mas como um importante sistema semiótico de produção de sentidos (LOPES, 1978; BARROS, 1994; COELHO NETTO, 2001; KOCH, 1992, 2014).

Nesse viés, essa concepção mais abrangente sobre a revisão textual possibilita ao acadêmico do curso de Letras Português refletir acerca da superficialidade das descrições e prescrições tradicionais a fim de reconhecer que a gramática precisa ser concebida a partir da relação entre forma e função e, de modo produtivo, ser tratada como objeto de observação, reflexão e uso de escolhas linguísticas as quais estão intrinsecamente relacionadas à produção de sentidos e efeitos (KOCH, 2014).

Embora os graduandos do curso de Letras da Unimontes² estejam tomando contato com as recentes contribuições da Teoria Linguística Moderna, entre as quais se encontra a Linguística Textual, esses graduandos carecem de um entendimento de que essas teorias são importantes no que diz respeito ao grau de cientificidade que a função de revisor e editor de textos exige (COELHO NETO, 2008; COELHO; ANTUNES, 2010; YAMAZAKI, 2007; CAVALCANTE, 2011, entre outros).

A motivação para o desenvolvimento deste estudo surgiu a partir da seguinte pergunta: para a atuação de licenciados em Letras Português da Unimontes também em atividades de revisão e edição de textos, tais alunos poderiam adquirir conhecimentos sobre a cientificidade que essa função exige, com disseminação desse saber específico, através de um laboratório editorial? Inicialmente, partiu-se da hipótese de que, a partir de conhecimentos científicos sobre revisão e edição de textos obtidos através de

² Este projeto de pesquisa foi desenvolvido com a participação de alunos do curso de Letras Português da Universidade Estadual de Montes Claros.

laboratório editorial, os licenciados em Letras Português da UNIMONTES que detivessem tal conhecimento poderiam atuar de forma a satisfazer as exigências desse mercado de trabalho.

A relevância deste estudo reside na necessidade de se discutir a ampliação no escopo da formação profissional dos acadêmicos do curso de Letras Português da Unimontes, conforme previsto no Estudo Pedagógico do Curso (PPC)³, na medida em que pretendeu implementar uma cultura investigativo-científica no que se refere à formação do revisor e editor de textos, uma vez que a competência para o desenvolvimento de metodologias investigativas pode ser aprimorada no decorrer do curso, por meio do alinhamento entre teorias, o que fortaleceu a pesquisa científica sobre o tema que propusemos.

2 TIPOS DE CONHECIMENTO: O FAZER CIENTÍFICO

De um modo geral, afirma-se que o conhecimento empírico (conhecimento do senso comum) origina o saber do homem. É fundamentado na vivência, na experiência, na observação e na percepção. Pode-se dizer que as ações de julgar, apreciar, avaliar, embora não sejam planejadas e executadas, também estão relacionadas a esse tipo de conhecimento.

O conhecimento científico assemelha-se ao conhecimento do senso comum no que diz respeito à necessidade de encontrar soluções para problemas. No entanto, a forma como esse tipo de conhecimento é organizada é diferente, já que se trata de uma investigação que requer planejamento, métodos e técnicas específicos. E, mesmo assim, não basta oferecer as explicações; elas precisam ser testadas e submetidas a uma análise crítica, para que se possa atribuir à investigação um caráter científico.

A palavra ciência, etimologicamente, vem do latim *scientia* que significa saber, conhecimento. Contudo, a essa palavra foi atribuído um outro estatuto, que é um modo específico de produzir conhecimento. Uma acepção mais recorrente hoje para o termo ciência, é apresentada por Ferreira (1986). Para esse dicionarista,

Ciência: conjunto de conhecimentos socialmente adquiridos e produzidos, historicamente acumulados, dotados de universalidade e objetividade que permitem sua transmissão, e estruturados com métodos, teorias e linguagens próprias, que visam compreender e orientar a natureza e as atividades humanas. (FERREIRA, 1986, p. 469)

³ Consta no PPC (2010) como “**competências e habilidades específicas a serem desenvolvidas no curso:** Capacidade de lidar de forma crítica com as linguagens, especialmente a verbal nos contextos oral e escrito. O profissional deverá dominar o uso da língua, objeto de seus estudos, em termos de estrutura, funcionamento e manifestações culturais, além de ser consciente das variedades linguísticas e culturais, sendo capaz de refletir teoricamente sobre a linguagem, de fazer uso de novas tecnologias e de compreender sua formação profissional como processo contínuo, autônomo e permanente. O profissional deve, ainda, ter capacidade de reflexão crítica sobre temas e questões relativas aos conhecimentos linguísticos e literários. A pesquisa e a extensão, além do ensino, devem articular-se neste processo.” E como “**campo de atuação:** professor do ensino fundamental e médio, revisor, propagandista, crítico literário, “ombudsman”, relator, redator, secretário, escritor, organizador de livros, ensaísta, tradutor e intérprete.”

Conforme se observa, o conhecimento científico ou a cientificidade do conhecimento reside nos aspectos a que essa aceção se refere. Portanto, ele é social, histórico, universal, objetivo, metódico e comunicável. Trata-se de um saber que é produzido pelo homem em um determinado tempo, tendo em vista um contexto histórico e social. É um tipo de conhecimento objetivo e universal, mas não isento de falhas. Não é cristalizado, modifica-se com o homem e de acordo com o contexto da realidade em que vive. De acordo com Sousa (2010, p. 11),

[...] existe uma “realidade” invisível a nossos olhos e que, por isso, faz-se necessário informar e conformar os nossos olhos, usando *lentes* capazes de nos fazer enxergar o que não vemos. Em alguns campos do saber, essas lentes podem ser os microscópios e os telescópios que funcionam como instrumentos de pesquisas; em outros, podem ser a teoria que necessariamente está por trás de todo conhecimento dito científico.

Em se tratando do fazer científico, entre os campos do saber a que se refere a autora, estão as pesquisas no campo das chamadas ciências humanas e sociais nas quais se encontram os paradigmas: positivista e interpretativista. Em linhas gerais, o paradigma positivista embasa as pesquisas quantitativas, e o interpretativista, as pesquisas qualitativas. Esses dois paradigmas que advêm do século 19 ainda exercem influência nos modos de fazer ciência na atualidade.

Sousa (2010) ressalta que o paradigma interpretativista teve sua origem nas ciências sociais e humanas como uma reação ao paradigma positivista, ao defender que o conhecimento não pode deixar de lado o contexto sócio-histórico. Nessa visão, o pesquisador é agente ativo que procura compreender e interpretar fenômenos sociais em um dado contexto. Para a autora, isso significa afirmar que o conhecimento que é produzido depende das práticas sociais que produzem significados compartilhados.

2.1 A PESQUISA CIENTÍFICA EM LÍNGUA PORTUGUESA

De acordo com Sousa (2010), os conhecimentos sobre a pesquisa científica em língua portuguesa apresentam-se com uma configuração específica no curso de Letras Português e representa uma oportunidade para inserir o licenciando em um ambiente de pesquisa que lhe possibilita refletir sobre a sua futura prática profissional. Assim, é preciso pensar na formação do graduando em Letras como aquela que possibilitará ao futuro profissional atuar não só como professor de língua portuguesa, mas em outras frentes de trabalho para as quais adquiriu conhecimentos e está preparado para, inclusive, ser capaz de fazer articulação entre teoria e prática.

E, para que se consiga formar esse profissional, é necessário que os conhecimentos nos cursos de Letras Português não sejam engessados. Necessário se faz, portanto, oferecer aos graduandos possibilidades de aquisição de conhecimentos que venham a agregar habilidades e qualidade à sua formação entre os quais estão as etapas

do processo de uma pesquisa científica, conforme a seguir. A Figura 1 ilustra o início desse processo.

Figura 1 – A pesquisa em Língua Portuguesa



Fonte: https://prezi.com/x8auru3_fstv/metodologia-da-pesquisa-em-lingua-portuguesa/

Souza (2010) afirma que, para a realização de uma pesquisa, é necessária a elaboração de um plano de trabalho. É preciso planejar, definir o que se vai observar, construir objetivo, especificar a metodologia a ser utilizada. Essa é uma fase muito importante para que a pesquisa se desenvolva satisfatoriamente. Será também determinante para o encaminhamento da fase de elaboração do relatório final, após a realização da pesquisa.

Ferreira (1986, p. 454) define o conhecimento, no sentido amplo, como “[...] atributo geral que têm os seres vivos de reagir ativamente ao mundo circundante, na medida de sua organização biológica e no sentido de sua sobrevivência.” O autor ressalta que, nesse sentido, o conhecimento não depende da racionalidade de um ser dotado de consciência sobre si mesmo, o outro e o mundo. Mesmo assim, verifica-se que o conhecimento exige daquele que conhece uma ação.

Em um sentido restrito, Ferreira (1986, p. 454) propõe que o conhecimento é a “apropriação do objeto pelo pensamento, como quer que se conceba essa apropriação: como definição, como percepção clara, apreensão completa, análise etc.” Para Sousa, nessa acepção, já não se pode pensar em seres vivos em geral, mas de pessoas, as quais são dotadas de racionalidade, em que se estabelece uma relação entre o homem e o objeto, advinda de uma necessidade de se desvendar algo, seja o objeto do conhecimento, seja aquilo que se quer conhecer. Nessa acepção, a ação de conhecer leva à seleção de diferentes maneiras de o sujeito se apropriar do objeto, e essas maneiras determinam os tipos de conhecimento (SOUZA, 2010, p. 5). Esses tipos de conhecimentos são revisitados a seguir.

3 A LINGUÍSTICA TEXTUAL OU TEORIA DO TEXTO

De acordo com Koch (1992), a Linguística Textual percorreu um longo caminho, ampliando cada vez mais seu arcabouço teórico. Com o passar do tempo, a preocupação passa a ser não só com o texto em si, mas também com todo o contexto (situacional, sociocognitivo e cultural) – e a influência deste na constituição, funcionamento e, especialmente, no processamento estratégico interacional dos textos, os quais são considerados como a forma básica de interação por meio da linguagem.

Nessa perspectiva, a autora conceitua o texto como uma manifestação verbal formada por constituintes linguísticos que são selecionados e ordenados pelos usuários da língua, visando a permitir aos participantes do processo de interação, a apreensão de conteúdos semânticos, por meio de estratégias cognitivas e também a interação de acordo com práticas socioculturais.

Nos termos de Koch (1992), a Teoria ou Linguística do Texto intensifica o diálogo com a Filosofia da Linguagem, a Psicologia Cognitiva e Social, a Sociologia Interpretativa, a Etnometodologia, a Etnografia da Fala e, recentemente, com a Ciência da Cognição e a Neurologia, tornando-se, assim, multidisciplinar, buscando explicar como ocorre a interação social por meio desse objeto considerado multifacetado que é o texto – que se origina por meio de um processo complexo de produção de linguagem, que gera, conseqüentemente, a produção de sentidos.

4 LÍNGUA PORTUGUESA: FORMA E FUNÇÃO

Para que se entenda o funcionamento da língua, deve-se não só analisar a sua dimensão discursiva como também ter um bom conhecimento das formas linguísticas e das funções morfológicas e sintáticas que essas formas desempenham nos enunciados, porque a relação entre forma e função é um aspecto muito importante na constituição do sentido. A Figura 2 ilustra a referida relação.

Figura 2 – Morfossintaxe: forma e função



Fonte: <http://hotsite.tvescola.org.br/percursos/lingua-portuguesa/gramatica/morfossintaxe/>

Assim, a forma linguística é cada um dos elementos da língua dotado de significação própria que pode ser constituído por: um único fonema (p. ex.: a forma verbal *ê*) ou palavras isoladas ou mesmo frases e textos maiores.

O significado das formas linguísticas pode ser: lexical – corresponde a um radical da língua (p. ex.: *estudávamos*) ou gramatical – corresponde às noções de gênero, número, pessoa, modo, tempo (p. ex.: *estudávamos*).

A função das formas linguísticas é o papel que exercem na organização das frases, dos períodos, dos textos.

Por sua vez, a morfossintaxe estabelece um tipo de estudo em que se analisa, concomitantemente, a forma e a função dos termos em um enunciado. A seguir, os conceitos de morfossintaxe:

- estudo das relações entre a morfologia (forma) e a sintaxe (função) dos termos nos enunciados;
- estudo simultâneo da morfologia (análise descritiva das formas) e da sintaxe (regras de composição e combinação dos elementos na frase);
- seção da gramática cujo objeto de estudo são os morfemas e suas funções sintáticas.
- significado etimológico da palavra *morfossintaxe*: *morfo* “forma” + *sintaxe* “construção gramatical”.

5 BREVE HISTÓRICO DA REVISÃO DE TEXTOS

Em relação à origem da revisão de textos como atividade profissional, pode-se afirmar que surgiu concomitantemente às primeiras manifestações de escrita. Para Rocha (2012), é correto supor que esse surgimento se deu a partir do momento em que o homem fez seus primeiros registros de interação, “não importando o suporte empregado – paredes de cavernas, argila, osso, papiro, tábua, papel – e a conseqüente intervenção do interlocutor (revisor e/ou leitor) como aquele capaz de interagir com o texto com possibilidade de mudá-lo” (ROCHA, 2012, p. 35). Após a consolidação da escrita, segundo Coelho Neto (2008), os revisores eram escolhidos entre as pessoas comprovadamente intelectuais e eruditas, capazes de corrigir os manuscritos antigos.

Com o advento da tipografia, os copistas, aqueles que copiavam à mão os livros, reagiram e, com o apoio da nobreza francesa, perseguiram os impressores, que continuaram a trabalhar às escondidas, e, por se preocuparem mais do que os copistas com a revisão das obras, atribuindo-lhes maior qualidade, obtiveram prestígio e reconhecimento. Entre os impressores franceses, os que ficaram mais conhecidos foram Ulrich Gering, Martin Krantz e Michel Friburger, que se instalaram e atuaram na renomada Universidade Sorbonne, em Paris. Assim surge, com o desenvolvimento da tipografia, a figura do precursor dos atuais revisores – os tipógrafos –, que corrigiam as provas chamadas de “prelo” (prensa ou rolo). Os erros eram corrigidos à pena.

Em 1478 apareceram as erratas, lista de erros tipográficos ou de imprensa apresentados ao final de um volume. Registra-se que, do século XV até os dias atuais,

com o surgimento de novas tecnologias e da internet, o trabalho com o papel foi se tornando mais raro, e, hoje, grande parte do trabalho dos revisores de texto já foi digitalizado, o que contribui significativamente para a quebra de fronteiras geográficas na atuação desses profissionais (COELHO NETO, 2008).

Desse modo, verifica-se que, de um passado remoto para os dias atuais, mudanças profundas e significativas ocorreram, e, hoje, a sociedade, principalmente a acadêmica, demanda habilidades e conhecimentos específicos do revisor, sobretudo em relação à utilização de recursos disponibilizados pelas novas tecnologias de edição de textos, particularmente no que se refere à necessidade de reconhecer e aplicar as normas de formatação estabelecidas pelas universidades e demais veículos de divulgação científica. Dessa forma, observa-se que alguns processos da revisão textual são, na verdade, pertencentes ao processo de preparação textual, esse que, por sua vez, faz parte de um processo maior, a editoração (GUEDES, 2013).

Sendo assim, diante da amplitude e das diversas significações do que é a revisão de textos e do que é ser um revisor de texto, torna-se importante refletir cientificamente sobre o que é, de fato, a revisão de textos, sobre a atuação do revisor textual, e também sobre o que é o processo de editoração e a preparação de originais e suas convergências com a revisão textual.

6 O QUE É A REVISÃO DE TEXTO?

Após diversas consultas bibliográficas sobre o que é revisão de textos, foi possível constatar diversas concepções, dependendo do autor lido. Entre as concepções de revisão de texto, encontram-se aquelas que restringem o trabalho com o texto somente a correções linguísticas; aquelas que ou estendem essa compreensão ao campo da editoração, ou estendem ainda mais a primeira concepção e acrescentam os aspectos linguístico-discursivos e percepto-cognitivos.

Coelho Neto (2008), Coelho e Antunes (2010) e Cavalcante (2011) são autores que seguem a mesma linha ao considerarem que a revisão é muito mais do que fazer a correção linguística do texto. Para Coelho e Antunes, por exemplo, há três tipos de revisão: i) revisão gráfica: trata das questões relacionadas com a apresentação e com a composição visual e material do texto; ii) revisão normalizadora: ajusta o texto às normas bibliográficas e editoriais; e iii) revisão temática: verifica a propriedade e a consciência das formulações de um texto em função de um determinado sistema de conhecimento determinado (COELHO; ANTUNES, 2010, p. 207).

Conforme se vê, as autoras defendem que a revisão é um trabalho que vai além de identificar questões relativas à gramática e corrigir possíveis erros, é um trabalho que requer uma análise que envolve conhecimentos linguísticos, gráficos, normalizadores e temáticos. Assim, afirmam que o trabalho de revisão de textos é “tarefa árdua, que demanda tempo e conhecimento especializado, que requer inúmeras leituras do material a ser revisado, a ponto de conhecê-lo profundamente” (COELHO; ANTUNES, 2010, p. 222).

Fato é que todo texto produzido deve passar por uma revisão, não só do próprio autor, mas também de uma pessoa que não tenha vínculo com o texto para que se possa

sanar ou minimizar possíveis inconsistências e inadequações, pois qualquer texto, produzido por um especialista ou por uma pessoa com pouca escolarização, tende a apresentar erros. Esses erros podem ser de ordem gramatical, ortográfica, semântica, estilística, entre outros aspectos da língua que estão presentes em todas as suas manifestações (GUEDES, 2013).

7 A ATUAÇÃO DO REVISOR DE TEXTO

Conforme já referido, as pessoas tendem a restringir a atuação do revisor de texto à identificação e correção de desvios gramaticais, porém, sabe-se que, para essa atuação, é necessário mobilizar uma série de estratégias linguístico-discursivas e percepto-cognitivas que vão muito além da adequação dos textos às normas linguísticas (ortográficas, gramaticais), ou de aspectos relativos à sua formatação e normalização, o que constitui um dos fatores que explicam o crescente desenvolvimento de pesquisas que buscam refletir sobre a revisão/edição de textos como uma atividade dialógica, à luz das principais teorias acerca do caráter sociointeracional da língua/linguagem. Dessa forma, a atividade do revisor/editor requer uma gama de conhecimentos e habilidades, tendo em vista vários fatores, entre os quais se podem citar:

- i) a intersubjetividade da linguagem⁴;
- ii) as imagens de si e do outro construídas discursivamente;
- iii) as capacidades cognitivas, como a atenção e a memória;
- iv) o dialogismo e a polifonia;
- v) as condições de produção e recepção dos textos;
- vi) as injunções históricas e culturais;
- vii) a intertextualidade;
- viii) os processos de referenciação (co e contextuais);
- ix) o gênero em questão;
- x) os domínios discursivos em que o texto se situa; acrescentando a esses, demais fatores que perpassam uma situação comunicativa considerada em toda a sua complexidade;

Nesse ponto, vale ressaltar que o revisor/editor de texto deve reconhecer e desconstruir o preconceito linguístico que envolve o uso da língua portuguesa. Segundo Yamazaki,

É importante que os editores conheçam o espectro de usos linguísticos possíveis, assim como o espectro dos estigmas que acompanham esses usos, para que decida, de modo consciente, o que adotar. É essencial compreender a pluralidade linguística, para não eleger suas próprias normas e aplicar suas opções. (YAMAZAKI, 2007, p. 10)

⁴ Os fatores de (i) a (x) são propostos por Gomide; Gomide Filho, 2016.

Sabe-se que a edição, e a revisão textual, tem como compromisso a precisão, o rigor, a legibilidade e a compreensibilidade, o que, segundo a autora, significa preocupar-se em divulgar uma obra clara, para que seja acessível a um público amplo e diversificado, o que não exclui a correção linguística, mas a concebe em um contexto mais amplo em relação ao que seja um texto bem escrito. Assim, vale dizer que um texto que esteja correto do ponto de vista gramatical não deve prescindir de uma revisão textual.

Algumas habilidades que são cobradas na atuação do revisor de textos dizem respeito à preparação de textos, processo que integra a editoração, o qual, de acordo com Pinto (1993), é o processo completo, ou seja, que começa com a obtenção do original a ser publicado, sua revisão textual, normalização, adequação, formatação até chegar, por fim, à publicação. Já Coelho Neto (2008) afirma que o preparador de originais é o revisor capacitado e experiente, que passa pela preparação de originais – que é o aprimoramento da representação gráfica. Segundo esse autor, as atividades relativas à adequação do texto são aquelas que dizem respeito à organização, normalização e revisão de originais, ou seja, a preparação é o processo de adequação de originais para publicação dentro da editoração. O autor diz ainda que, nesse processo, o original é submetido a um aperfeiçoamento em relação à forma e ao conteúdo.

Desse modo, para ele, a revisão e a preparação textuais estão fundidas no processo que chama de normalização ou padronização, que corresponde à aplicação das normas linguísticas e editoriais ao texto. A preparação de originais exige habilidades gráficas de formatação de textos que o revisor de textos poderá adquirir fazendo cursos específicos na área de informática. Coelho Neto (2008) afirma que o trabalho completo de editoração deve ser feito por uma equipe constituída de pessoas com atribuições específicas.

Acrescenta que, se o revisor possuir as competências de um preparador, ele se torna mais qualificado, sendo, portanto, uma habilidade a mais do revisor textual. Adotamos a concepção ampla de que um revisor textual deve possuir também as competências de editoração textual.

8 METODOLOGIA

A pesquisa que se propôs, quanto à abordagem, foi qualitativa, uma vez que não se preocupou com a representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento do conhecimento técnico científico (GOLDENBERG, 1997); quanto à natureza, tem o caráter de uma pesquisa aplicada, pelo seu intuito de gerar conhecimento de aplicação prática (GIL, 2007); quanto aos objetivos, descritiva e explicativa (TRIVIÑOS, 1987); e, quanto aos procedimentos, é bibliográfica e de ação, uma vez que os pesquisadores recorreram a métodos e técnicas para lidar, de forma interativa e investigativa, para o processamento de resultados, a fim de compor as necessidades dos elementos implicados na pesquisa, visando ao objetivo prático e ao objetivo de conhecimentos, o que possibilita a troca de saberes entre profissionais e pesquisadores. Portanto, a determinação do referido perfil metodológico permite a manutenção do caráter

científico deste estudo, proporcionando aprendizagem aos participantes (THIOLLENT, 1992).

8.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- i) Revisão bibliográfica;
- ii) Orientação de acadêmicos de iniciação científica voluntária (ICV);
- iii) Organização e execução de minicursos de revisão/edição de textos;
- iv) Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC);
- v) Organização de seminário sobre a formação profissional do acadêmico do curso de Letras Português e o mercado de trabalho;
- vi) Apresentação dos resultados e discussões à comunidade acadêmica por meio do XII e XIII Fórum de Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão (FEPEG) e I Jornada de Letras e VI Seminário de Pesquisa em Letras;
- vii) Escrita do artigo científico sobre resultados e discussões da pesquisa, a partir deste relatório.

Dois minicursos sobre revisão/edição de texto foram organizados e oferecidos à comunidade acadêmica, com 20 horas cada – de maio a agosto de 2019 foi oferecido um minicurso de 20h; e de março a junho de 2020, através do *Google Meet*, foi oferecido outro minicurso de 20h. O terceiro foi cancelado em razão de envolver as atividades realizadas na Editora Unimontes, as quais foram substituídas por atividades de práticas de revisão e editoriais sob a orientação e a supervisão das professoras.

9 RESULTADOS DA PESQUISA

O presente estudo buscou pesquisar para conhecer a cientificidade que envolve a formação do revisor e editor de textos a fim de delinear e desenvolver competências/habilidades imprescindíveis à formação para o exercício profissional dessa função. Para atingir esse objetivo, propôs-se um aprofundamento das teorias linguísticas, textuais, discursivas e editoriais, criando-se, assim, a possibilidade de ampliação do campo de atuação profissional do acadêmico do curso de Letras Português, para que possa atuar no mercado de trabalho. Em primeiro lugar, buscou-se, por meio de uma revisão de literatura, visitar os estudos que abordam os temas que dizem respeito à cientificidade que envolve o papel do revisor/editor de textos. Quanto ao critério de escolha dos estudos e temas, priorizaram-se aqueles que possibilitariam conhecer as especificidades que envolvem a formação de um revisor/editor de textos.

Em segundo lugar, como uma das etapas do projeto, foi oferecido, gratuitamente, aos acadêmicos do curso de Letras Português dois minicursos de Gramática Normativa da Língua Portuguesa de 20 horas cada, num total de 40 horas, ministrados pela professora coordenadora e pela professora participante do Projeto, com a monitoria das duas acadêmicas participantes. Houve a necessidade de aprofundar,

durante o curso, os conhecimentos da Gramática Normativa, já que era o aspecto em que os alunos participantes do curso mostraram ter mais dificuldades. Ao término dos minicursos, os alunos participantes foram convidados a avaliar o curso: foi válido? Agregou conhecimentos? Permitiu formar alguma habilidade? Seguem alguns depoimentos:

i) “A participação no minicurso de Gramática Normativa foi extremamente significativa. Por meio dos encontros, foi possível revisar conceitos já estudados em outros momentos e aprender novos. O estudo da Gramática Tradicional constitui uma parte importante na minha formação, e o curso possibilitou um aprofundamento no tema, além de desenvolver uma visão mais crítica sobre a estrutura e o funcionamento da língua. Assim, considero muito relevante e importante para a minha trajetória acadêmica e profissional todo o conhecimento adquirido por meio das discussões propostas.”

ii) “O minicurso de Gramática Normativa que fizemos com as Professoras foi uma grande oportunidade para aprofundar os conhecimentos em tal disciplina pois, além de auxiliar na revisão/editoração de textos, contribui para a nossa formação profissional. É muito importante para nós, acadêmicos do curso de Letras Português, contarmos com projetos como esse, que são bem planejados, dinâmicos e com profissionais dedicados, pois isso nos inspira e nos incentiva a continuarmos nossa jornada como futuros professores.

Assim, foi possível verificar que é preciso ter um conhecimento diversificado em diferentes áreas e saber abstrair de cada linha de pensamento o que de melhor tem a contribuir para o desempenho como revisor/editor e, conseqüentemente, ser reconhecido profissionalmente.

Este estudo corroborou o que foi feito por Feraboli (2012), já que também verificou que a maioria dos autores estuda a linguagem (leitura, escrita e reescrita) voltados para a licenciatura e que poucos são os estudiosos que se debruçam sob o viés da revisão/edição de textos. Sobre essa questão, Feraboli (2012, p. 238) ressalta que se deve levar em conta que a área de Letras, nessa especificidade, é um campo novo que está, paulatinamente, sendo construído e vem ganhando espaço no mercado de trabalho. Assim, segundo a autora, “há muito o que pesquisar, analisar, desenvolver e produzir nesse campo”.

Foi possível verificar também, assim como Feraboli (2012), que há uma escassez de material específico da área de revisão/edição de textos, o que mostra que, embora seja uma função antiga, no que se refere a pesquisas científicas, há muitas lacunas a serem preenchidas, fato que, para a referida autora não é um empecilho, “mas sim uma oportunidade para que se possa estabelecer relação com várias outras áreas do conhecimento” (FERABOLI, 2012, p. 238).

A autora defende que, para exercer a função de revisor de textos, é necessário ter um conhecimento de mundo amplo, o que engloba conhecimento das áreas social, cultural, histórica e científica.

Especificamente, é necessário que o profissional de Letras que queira trabalhar como revisor/editor de texto, conheça os gêneros e as regras gramaticais que regem a língua formal e saiba aliar a teoria à prática, ou seja, saiba aplicar os conhecimentos adquiridos. Ademais, tendo em vista as mudanças pelas quais a sociedade passa continuamente, os revisores/editores devem estar atentos a essas mudanças, quer seja no âmbito social, cultural, histórico, quer seja no científico.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de tecer as considerações finais deste estudo, retoma-se o objetivo geral delineado inicialmente, que foi pesquisar para conhecer a cientificidade que envolve a formação do revisor e editor de textos, almejando que os acadêmicos do curso de Letras Português da Unimontes tivessem a possibilidade de desenvolver as competências/habilidades de caráter linguístico, textual e discursivo imprescindíveis à formação para o exercício profissional dessa função. Assim, a pergunta proposta foi se esses alunos poderiam adquirir conhecimentos sobre a cientificidade que essa função exige, com disseminação desse saber específico. Nossa hipótese foi que, a partir de conhecimentos científicos sobre revisão e edição de textos obtidos, os licenciados em Letras Português que detiverem esse conhecimento poderão atuar de forma a satisfazer as exigências do mercado de trabalho.

Para atingir o objetivo, foi realizado um aprofundamento nas teorias linguísticas, minicursos e a experimentação das técnicas de revisão/edição em textos elaborados, de diferentes gêneros textuais, nos mais variados campos discursivos, através das orientações das professoras envolvidas neste projeto, criando-se, assim, a possibilidade de ampliação do campo de atuação profissional do acadêmico do curso de Letras Português. Os minicursos e as participações em eventos cumpriram seu papel de disseminar os conhecimentos exigidos para a função de revisor/editor de textos, respondendo à pergunta de pesquisa.

Observou-se que são muitos os conhecimentos envolvidos na formação de um revisor/editor de textos a serem considerados pelos acadêmicos do curso de Letras Português que desejarem explorar mais esse campo de atuação, confirmando nossa hipótese. Portanto, a recomendação é que se desenvolvam mais projetos e se criem grupos de pesquisa nessa área, a fim de que estes contribuam para a formação dos acadêmicos do curso de Letras Português para, optando por também serem revisores/editores de textos, trabalhem como profissionais competentes, que atendam às necessidades que o mercado de trabalho solicita, ou seja, que detenham as teorias que irão sustentar a prática da revisão/edição de textos, nos diversos meios de comunicação, acadêmicos, públicos ou empresariais.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do texto**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- CAVALCANTE, Marina Pereira. **Os desafios da produção textual e a importância do revisor na análise de textos**. Brasília, 2011.
- COELHO, Sueli Maria; ANTUNES, Leandra Batista. 2010. Revisão textual: para além da revisão linguística. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 14, n. 26, p. 205-224, 1.º sem. 2010.
- COELHO NETO, Aristides. **Além da revisão**. Brasília: Editora Senac - DF, 2008.
- COELHO NETTO, J. Teixeira. **Semiótica, informação e comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- COSTA VAL, Maria da Graça. Texto, textualidade e textualização. *In*: CECCANTINI, J. L. Tápias; PEREIRA, Rony F.; ZANCHETTA JR., Juvenal. **Pedagogia Cidadã: cadernos de formação: Língua Portuguesa**. v. 1. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004. p. 113-128.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano (orgs.) **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A/ Faperj, 2003.
- FERABOLI, Gisele Aline. Conhecimento de mundo: um dos aspectos fundamentais à vida profissional de um redator e revisor de textos. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 1, n. 1, p. 227-240, jan./jun. 2012.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2. ed. 18. impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar estudos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOMIDE, Renata Marques; GOMIDE FILHO, Sérgio Roberto. Considerações sobre a revisão profissional de textos acadêmico-científicos. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 19, n. 36, p. 337-356, jan. 2016. ISSN 2358-3428. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.23583428.2015v19n36p337/9650>. Acesso em: 31 maio 2018.

GUEDES, Letícia Figueiredo. **Revisão de textos: conceituação, o papel do revisor textual e perspectivas do profissional do texto**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Letras Português), Universidade de Brasília, Brasília (DF), 2013.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **As tramas do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

LOPES, Edward. **Discurso, texto e significação**. São Paulo: Cultrix, 1978.

PINTO, Ildete Oliveira. **O livro: manual de preparação e revisão**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS DA UNIMONTES (licenciatura). Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2010.

ROCHA, Harrison da. **Um novo paradigma de revisão de texto: discurso, gênero e multimodalidade**. Brasília, 2012.

SOUSA, Jesus Maria. Criação de conhecimento em contexto de pós-modernidade. In: FINO, Carlos Manuel Nogueira; SOUSA, Jesus Maria. **Pesquisar para mudar (a educação)**. Funchal: CIE-Uma, 2010.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1992.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

YAMAZAKI, Cristina. Editor de texto: quem é e o que faz. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). **XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Santos, 2007.